

# As Prisões



Pedro Kropotkin

*Vou resumir. A prisão não coíbe os atos antissociais; pelo contrário, aumenta seu número. Não reabilita quem prende, podem reforma-la o quanto quiserem, será sempre uma privação de liberdade, um sistema falso, como um convento, que torna o prisioneiro cada vez menos apto a vida social. Não atinge o que propõe. Mancha a sociedade. Deve desaparecer por consequência.*

*Resto de barbárie, com mescla de filantropia jesuítística, o primeiro dever da Revolução será acabar com esses monumentos da hipocrisia e da vileza humana, que chamam de prisões.*

*Na sociedade igualitária, entre homens livres, onde todos trabalhem para todos, onde todos tenham recebido um educação sadia e se apoiem mutuamente em todas as circunstâncias da vida, os atos antissociais não se produzirão. A maior parte destes careceriam de fundamento, e o resto será arrancado em semente. Sobre os indivíduos de inclinações perversas que a sociedade atual nos legará, teremos que impedir-lhes que desenvolvam seus maus instintos. E se não conseguirmos, o corretivo, honrado e prático, será sempre o tratamento fraternal, o apoio moral que há em todos, a liberdade, por fim. Isto não é utopia; isto que se pratica com indivíduos ilhados, se converterá em prática geral. E tais meios serão mais poderosos para reprimir e melhorar que todos os códigos, que todo o sistema vigente de castigos, fonte abundante de novos crimes, de novos atos contra a sociedade e indivíduo.*

*Pedro Kropotikin*



# **As Prisões**

**Pedro Kropotkin**

**Barricada Libertária  
2012**

# **ANARQUIA!**

## **BARRICADA LIBERTARIA**

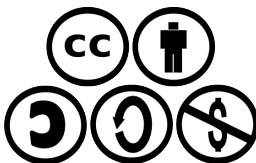
**Edição original:  
Las Prisiones  
Biblioteca de Cultura  
1897**

**Tradução e diagramação:  
Barricada Libertária  
Campinas, 2012**

<http://anarkio.net>

[lobo@riseup.net](mailto:lobo@riseup.net)

**CP: 5005 – CEP 13036-970  
Campinas/SP**



# Uma breve nota de tradução

Ao traduzir esse livreto, me surpreendeu a atualidade e profundidade que o companheiro anarquista Kropotkin nos proporciona. É assustador que se removermos as datas e referências históricas de mais de um século, a imagem descrita é do nosso sistema prisional com todos os problemas morais. E isso causa um grande mal estar. Quem tem ou esteve preso entenderá toda a angustia e a exatidão com que Kropotkin discorre sobre um assunto que ele mesmo reconhece como um dos grandes problemas daquele século e desse.

Tendo a pequena obra presente e os pontos apresentados sobre os sanatórios e que temos ainda a luta antimanicomial algo presente, porque não avançamos na luta antiprisional? A argumentação a favor é a leitura desse pequeno documento. Se a sociedade anarquista terá crimes e atos antissociais, isso poderá muito bem acontecer, mas de acordo com nosso sábio companheiro, a questão é abordagem empregada para tais situações, como responderemos de forma emancipatória a tais desafios. Uma vez erradicando a cobiça e ganancia capitalista, boa parte das motivações ditas criminais também serão erradicadas, e não podemos esquecer: ***O Capitalismo é um sistema político/econômico feito de ladrões e assassinos, com leis que protegem os criminosos espertos e punem não os que erram, mas os “incompetentes”.***

Sem mais, segue o texto.

Por ICN

# As prisões

## Cidadãs e cidadãos

Esta noite me proponho estudar uma das mais importantes questões na série dos grandes problemas para serem resolvidos pela humanidade nesse século XIX. Talvez seja, fora a questão econômica e do Estado, a mais relevante de todas. E, na verdade, já que a distribuição da justiça sempre foi o principal instrumento na constituição de todos os poderes, que é a base e fundamento mais sólido dos regimes prevalentes, não é precisado dizer que o ato de averiguar “que deve fazer-se com os que executam atos anti-sociais”, envolve precisamente a grande questão do Estado e do governo do Estado.

Se tem repetido constantemente que a função eminente de toda organização política é garantir doze jurados imparciais a todo cidadão em que outros cidadãos acusem por qualquer coisa ou fato. Isso sugere em seguida a seguinte pergunta, não isenta de interesse: “Quais direitos devemos reconhecer a esses dez, ou doze, ou cem jurados, sobre o cidadão ao que se presume culpa de um ato antissocial e danoso para os demais?”

Ao presente, tal questão parece solucionada de forma definitiva e a pergunta anterior se responde: “Castigarão! Sentenciarão a morte, a trabalho forçados ou ao presídio!” E em efeito, assim se procede. De modo que, em nosso trabalhoso avanço, nesta marcha da humanidade entre os prejuízos e as ideias falsas, temos chegado nesse ponto. Mas, assim mesmo é tempo de perguntar: “É justo a morte, é justo a prisão? Se consegue isso que não se repita o ato antissocial e melhorar a condição do homem que se fez culpado de um ato de violência contra um semelhante seu? E, em inúmeras contas, o que indica a palavra “culpado”, empregada tão prodigamente, sem que até o termino não se tenha sequer definido a culpabilidade de fato ?

São tão profundas e transcendentais estas questões, que sua solução acertada representa que, não só de centenas de milhares de detidos que agora mesmo sofrem em nossos carcereiros e presídios, e de mulheres e crianças que vivem na miséria desde que um dos seus foi privado de liberdade, se não também da sorte de toda a humanidade. Tudo repercute no seio da humanidade. A humanidade, resumo de todos os indivíduos, padece necessariamente por toda injustiça cometida por um de seus membros.

# I

As portas dos carcereos e presídios da França se abrem anualmente para cento e cinquenta mil seres, mulheres e homens. Em toda Europa somam milhões as pessoas que são privadas de liberdade por ano.

França investe somas consideráveis na manutenção de seus edifícios penais, e gasta outras quantidades importantes em lubrificar as diversas peças da pesada máquina – policia e magistratura – para que cumprir sua missão de povoar as prisões. E como o dinheiro não brota espontaneamente dos cofres do Estado, mas que cada moeda de ouro representa o rude trabalho de um proletário, pode-se afirmar com certeza que todos os anos se emprega na manutenção das prisões o produto de milhares de jornadas de trabalho.

Se prescindimos de alguns filantropos e de dois ou três funcionários, quem estuda atualmente os resultados que se conseguem com o sistema? Do quando diz a imprensa quase nada se relaciona com as prisões. Se por casualidade fala delas, só o faz quando se trata de revelações por conta de escândalos. Quando isto se sucede, se protesta duramente por uns quinze dias no máximo, contra a Administração, se exigem novas leis que aumentem o número, não pequeno certamente, da que já estão em vigor, e depois tudo se mantém igual, se não piorar.

A atitude normal da sociedade e da Imprensa a respeito dos presos, se limita a mais absoluta indiferença: com tanto que tenham pão para comer, água para beber, e trabalho, muito trabalho, não há protesto. Recentemente a Imprensa se expôs ao comentar sobre algumas melhorias no regime prisional: “É luxo demais para os bandidos”, e eram lidos nos periódicos mais avançados. “Nunca serão tratados tão mal como mereciam”, declaram outros, menos liberais.

Pois eu tenho que dizer, cidadãs e cidadãos, que tendo conhecido os carcereos da França e algumas da Rússia; fazendo-me obrigado pelas circunstâncias de minha vida a estudar com atenção as questões penitenciárias, creio meu dever denunciar ao mundo inteiro o que são as prisões atualmente e expor as observações e reflexões que tem inspirado.

Abordo, pois, o assunto sem outros desvios. Vejamos em primeiro plano qual é o regime das prisões francesas.

Existem três categorias de prisões: a Departamental, a Casa Central e a Nova Caledônia.

A respeito dessa última os dados que temos são contraditórios e tão

incompletos que dificilmente pode, se ter uma ideia justa do que seja o seu regime de trabalhos forçados.

Em quanto as prisões departamentais, a que tivemos que conhecer, contra nossa vontade, em Lion, se encontra em tão mal estado, que o melhor será não falar dela. Já escrevi em outra ocasião o estado desse carcere e a funesta influência que exerce sobre os infelizes ali fechados. Estes desgraçados, por efeito do regime a que são submetidos, se arrastam toda a vida por carceres e prisões e vão morrer em uma ilha do Pacifico.

Nada mais temo que adicionar a respeito da prisão departamental de Lion, e vou me ocupar com a Casa Central de Clairvaux, e um tanto mais com a prisão militar de Brest, é o melhor edificio em sua classe mantido pela França, e uma dos melhores carceres da Europa, se são certas as noticias que possuímos a respeito das prisões do velho continente.

Examinemos, pois, a conjuntura de uma das melhores prisões modernas, e assim julgaremos as demais por comparação. Temos de fazer constar que a vimos na melhor oportunidade: pouco antes de eu chegar, um dos detidos tinha sido morto em sua cela pelos carcereiros, e renovada toda administração; e com franqueza tenho que dizer que a nova administração não se caracterizava em modo algum com as outras administrações prisionais: isto é, de procurar tornar a vida do detido a mais penosa possível. É também a única prisão grande da França onde depois das dissensões passadas, não se alterou.

Quem quer que se aproxime da imensa muralha circular, que segue pendentes das colunas de uma distancia de quatro quilômetros, acreditaria estar junto a uma pequena população operária e não em um carcere. Chaminés fumigantes, quatro delas enormes, máquinas de vapor, uma ou duas turbinas e o monótono ruido de engrenagens em funcionamento: isso é o que se vê e se ouve no momento.

Se deve essa impressão primeira ao fato de que para procurar ocupar os 1400 detidos, foi necessário instalar uma grande fábrica de usinagem, inúmeras oficinas para trabalho com seda, e produzem tecidos rústicos para outras prisões francesas, pano, roupa e calçado para os detidos; também funcionam um fábrica de metros e molduras, outra de gás, outra de botões e de toda sorte de objetos de madrepérola, moinhos de trigo, de centeio e outras tantas instalações. Uma extensa horta e campos de aveia são cultivadas entre aquelas construções, e de vez em quando, batalhões da população penal saem para cortar lenha no bosque, construir um canal ou empregar-se em outros trabalhos.



Conclua por si as vultosas somas de investimentos e a variedade de ofícios que são necessários introduzir para que 1400 homens produzam um trabalho útil.

Como o Estado por si mesmo é incapaz de manter tal estrutura, e de auferir lucro com a produção prisional, recorrem com muita frequência a empregadores que pagam preços abaixo de mercado na mão-de-obra dos prisioneiros.

Os salários de Clairvaux não excedem de 50 cêntimos até 2 francos, mas a maioria dos reclusos só recebem 70 cêntimos por jornada de 12 horas, e as vezes, 50 e nada mais. Desta quantidade o Estado se apropria de uma boa parte, e do resto só se entrega metade ao preso para que compre algo na cantina algum alimento, e a outra metade é guardada para entregar quando é consentida a liberdade.

Os presos passam boa parte do tempo nas oficinas, exceto uma hora de escola e 45 minutos de marcha, em fila ao som de: - Um! Dois! ; Dos carcereiros, distração ao que chama de “cordão de linguças”. O domingo se passa nos pátios, quando o clima está bom, e nas oficinas quando o tempo não propício.

Temos que adicionar que a Casa Central de Clairvaux tem regime de silêncio absoluto, regime contrário a natureza humana, e que não podia ser mantido senão pela força de castigos. Por isso talvez é que durante os três anos que estive lá, estava caindo em desuso. Toleravam as conversas na oficina ou no pátio, desde que não excedessem os limites do trivial e da temperança.

Muito mais poderia dizer-se sobre esse carcere preventivo e correcional, mas com o expresso é o suficiente para que se possa formar uma ideia de como é.

A respeito dos carceres em outros países europeus, afirma-se que não são superiores ao de Clairvaux. Pelas referências que tenho das prisões inglesas tomadas na literatura, informes oficiais e memorandos técnicos, creio conservado costumes que, afortunadamente, caíram em desuso na França. O tratamento nessa nação é mais humano, o *tradmill*, a roda onde o detento inglês caminha como um hamster, não há na França; sem ressalvas, o castigo francês de fazer andar o recluso por meses inteiros, por seu caráter degradante, por sua prolongação excessiva do castigo e pela arbitrariedade de sua aplicação, é o digno irmão da pena corporal que na Inglaterra se impõe ainda.

Na Alemanha, as prisões são excessivamente penosas por seu duro

regime.

As prisões austríacas e russas são mais deploráveis que as alemãs.

A Casa Central da França pode, pois, aceitar-se como um exemplar bastante bom da prisão atual.

Feito um resumo breve do sistema organizacional das prisões modernas consideradas como as melhores. Vejamos agora os resultados que se tem conseguido com essas organizações penitenciárias de tão alto custo.

O fato de que mesmo administração entende que tais resultados são lastimáveis e estereis, não nos evita pouco trabalho.

\*\*

Quem tem estado no carcere, voltará a ele. Esta frase é quase um axioma: as cifras o demonstram. Os informes anuais da administração da justiça criminal da França, nos informam de que metade aproximadamente dos homens julgados pelo Tribunal Supremo e as quintas partes dos sentenciados pela polícia correccional, se educaram nos carceres, no presidio; estes “incuráveis” são reincidentes. De 42 a 45 por cento julgados por assassinatos, e 70 a 72 por cento dos sentenciados por roubo, também são outros tantos reincidentes. A cifra de homens presos anualmente na França, só eleva-se a 70.000. A respeito dos carceres centrais, mais da terceira parte (de 20 a 40 por cento) dos detidos, colocados em liberdade pelas chamadas casas correccionais, voltam para elas em menos de um ano. Se repete tão frequentemente este fato, que em Clairvaux se ouvia dos carcereiros: “- É muito raro que Fulano ainda não tenha voltado. Teve tempo para mudar de distrito judicial? Nas Casas Centrais existem presos antigos, que conseguindo um bom lugar no hospital ou na oficina, solicita ao sair para que guardem seu lugar, pois em breve retornará. Aqueles pobres velhos tem segurança que voltarão muito rápido.

Quantos tem estudado e sabem destas coisas, como por exemplo, o doutor Lombroso, asseguram que se formassem uma lista dos que morrem ao sair do carcere, dos que trocam de nome, ou emigram, ou que podem se esconder ter cometido um novo crime, teria que perguntar se todos os detidos colocados em liberdade não incorrem na reincidência.

É o primeiro resultado das prisões, mas não o único.

O delito pelo qual um homem volta ao carcere, tende a ser mais

grave do que da primeira vez. Todos os escritores criminalistas estão em comum acordo sobre isso.

Constitui a reincidência um problema imenso para Europa, um problema que a França procurou resolver recentemente, enviando todos os reincidentes para provar a febre de Caiena, se não morressem no caminho. Todos devem ter lido que, faz três dias, onze reincidentes foram “fuzilados” a bordo do navio que os conduzia ao novo estabelecimento penitenciário; tal ato de selvageria com certeza serviu para o nomeamento de diretor da colônia de Caiena o capitão do barco que ordenou a barbara sentença.

Sem ressalva, apesar das reformas introduzidas, dos diversos regimes penitenciários experimentados, o resultado tem sido sempre igual. De um lado, um número de atos contrários as leis vigentes não se altera, *qualquer que seja o sistema de penas aplicadas*. Se tem abolido o *knut* (chicote) russo e a pena de morte na Itália, o número de assassinatos é o mesmo. Varia-se o grau de crueldade dos líderes e a crueldade ou jesuitismo dos sistemas penitenciários, mas não troca o número de atos mal denominados criminais. Só afetam outras coisas, das quais me ocuparei em seguida.

No mais, qual quer que sejam as modificações no regime penitenciário, a reincidência não diminui, porque é inevitável, porque deve ser assim; a prisão extingue no homem todas as qualidades que o torna um ser próprio para vida social. O transforma em um ser que, inexoravelmente, voltará ao carcere, e que acabara seus dias em uma dessas tumbas de pedra cuja o letreiro é: *Casa de Correção*, e que são verdadeiras *casas de corrupção*, segundo definem seus carcereiros.

Se agora me perguntassem: “O que poderia ser feito para melhorar o sistema penitenciário?”, eu contestaria categoricamente: “Nada! Porque não cabe melhorar uma prisão. Exceto algumas ligeiras modificações que não afetam o principal problema, nada pode fazer-se sem demoli-lo previamente”.

Para concluir com o repugnante contrabando de tabaco, proporia que se permitisse fumar os detentos, com já é na Alemanha, e que não lhe pesa, pois o Estado vende o tabaco na cantina. Mas suprimindo o contrabando de tabaco, aumentaria o de álcool e o resultado continuaria sendo igual; isto é, a exploração dos presos por seus guardiões.

Igualmente proporia que cada prisão tivesse a frente um Pestalozzi, um grande pedagogo suíço, que acolhia menores abandonados para converte-los em excelentes cidadãos, e assim mesmo proporia que, em vez

dos vigias atuais, ex-soldados e ex-policiais em sua maioria, se colocasse sessenta ou mais Pestalozzi. Mas “Onde encontra-los?”, me perguntaram e com razão, porque, sem dúvida alguma, o grande pedagogo suíço não aceitaria um cargo semelhante, e se oferecido, responderia:

-O fundamento de toda prisão é falso, posto que a privação da liberdade o é. Enquanto privarem os homens da liberdade, não conseguiram melhora-lo, mas ao contrário, só obterão sua reincidência.

E isso vou demonstrar.

## II

Primeiramente, temos que constatar a certeza de um fato que por si só engloba a reprovação de todo o sistema judicial: nenhum dos presos reconhece que é justa a pena que lhe é imposta.

Perguntando a um detento por furto, acerca de sua condenação, lhe dirá: “Senhor, os ratos pequenos são os que estão aqui, mas os outros gozam de liberdade e tem apreço publico”. O que responderia vocês, que o pouco que se ouve sobre as grandes companhias financeiras que fazem transações especulativas, onde seus fundadores sempre saem impunes apesar dos prejuízos apresentados a sociedade? Conhecemos essas grandes companhias, suas ações e golpes ...O que dizer, pois ao preso, se não que tem razão?

Se interrogarem um outro, que está preso por ter grandes roubos, os responderá: “Não estava bastante preparado, esse foi o meu delito”. E como responder-lhe sabendo como se rouba em certas esferas, e como, depois dos fabulosos escândalos, quais de tantos se falou nessa última época, conseguem sair inocentes de suas ladroagens? Quantas vezes ouvimos dizer no carcere: “Os grandes ladrões não somos nós; são os que nos colocaram aqui”? E como desprezar essa observação?

Sabemos muito bem os golpes sem precedentes que são cometidos nos meios das grandes negócios; sabemos o quão é grande a falácia nos ramos da industria; quando observamos que nem o meio da saúde se livra das mais abomináveis falsificações; sabemos que na ânsia de satisfazer a sede de riquezas, de qualquer forma, monta a própria essência do atual sociedade burguesa, e quando se tem sondado a quantidade enorme de transações duvidosas, que se destacam como transações burguesas honradas e que garantiriam estadia no casas correccionais; quando se sonda toda essa sujeira, chegamos a conclusão do recluso que aponta que os carceres são construídos, não para os criminosos, mas para os tontos.

Admitindo o dito: Por que perde tempo em moralizar os que chegam nas prisões?

E se do exterior já temos tais demonstrações, inútil seria estendermos demasiado as consequências do estudo do interior das prisões. Já se sabe o que são. Falei delas em outra parte, o meu artigo foi reproduzido por toda imprensa. A filosofia de todas as prisões é sempre a mesma: “Os grandes ladrões não somos nós, são os que aqui nos detém”. Por outra lado, um só fato nos bastará para descrever o verdadeiro quadro de costumes

penitenciários: falaremos do tráfico de tabaco. Em toda prisão francesa é proibido fumar. E contudo, fuma quem quer e pode; que esse produto precioso se mastiga, se fuma e se absorve como rapé, se vende a preço de quatro soldos a unidade e cinco francos o pacote de cinquenta cêntimos. E quem proporciona este tabaco aos detentos? Os carcereiros e os empregadores dessa mão-de-obra. Mas a taxa é exorbitante. Veja como ocorre a fraude: O detento faz enviar cinquenta francos por transação e em nome do carcereiro. O empregado fica com a metade da dita soma e entrega o resto ao preso, mas em tabaco e sobre os valores acima mencionados. Por outro lado, o empregador paga muitas vezes o trabalho em tabaco.

Não é só na França onde isso ocorre. A tarifa carcerária em Milbank, na Inglaterra, é análoga ou as vezes aumentada. Trata-se de uma regulamentação internacional.

Podem me refutar; suponhamos que se autorize a associação dos presos para compra de alimentos, como ocorre na Rússia, e que a administração não possa roubar nada. Suponhamos que o contrabando de tabaco desaparecesse e que esse fosse vendido na cantina para todos. Não vejo grande importância nisso, porque a prisão não deixará por isso, de ser prisão, e de exercer sua influência letal.

As causas originárias deste vírus são muito mais profundas.

\*\*

É conhecido os efeitos perniciosos da ociosidade. O trabalho dignifica o homem. Mas há trabalho e trabalho. O trabalho do ser livre, o orgulha e o faz sentir uma parte do imenso todo do universo.

O trabalho obrigatório escravo, degrada o ser humano; é um trabalho feito com desgosto e só por medo do aumento da pena. Assim é o trabalho na prisão. Não falo do moinho disciplinador inglês, no qual o homem tem que andar como hamster sobre uma roda, nem dos outros trabalhos parecidos que são verdadeiras torturas. Esse “trabalho” é uma vingança vil da sociedade. Enquanto que toda a humanidade trabalha para viver, o homem forçado a realizar um trabalho inútil para ele, se sentirá fora da lei. E se a frente desse homem trata a sociedade como uma fora da lei, não culpemos ninguém mais do que a nós mesmos.

É ilusão se considerar trabalho útil das prisões. Já indiquei que o salário dado ao obreiro dali é irrisório. Nessas circunstâncias, o trabalho,

que já por si só não oferece atrativo algum, porque não faz funcionar as faculdades mentais dos trabalhadores; se retribui tão mal, que se entende como castigo. Quando meus amigos anarquistas de Clairvaux faziam espartilhos ou botões de madrepérola para receber sessenta cêntimos depois de dez horas de trabalho (60 cêntimos que se reduziam a 30 depois que Estado retirava sua parte), compreendiam muito bem o desgosto que um homem sentia na execução desses trabalhos. Que prazer pode haver em um trabalho assim? Que efeito moralizador é produzido com um trabalho assim, quando o preso entende que seu trabalho enriquece apenas um patrão? Ao findar da semana e receber uma peseta e sessenta cêntimos, exclama com razão:

-Definitivamente, os verdadeiros ladrões não somos nós; são os que aqui nos detêm!

Nossos companheiros, que não estavam obrigados a trabalhar, o faziam em algumas ocasiões, e por um trabalho duro cobravam uma peseta. A necessidade os impelia a trabalhar nas maiorias das vezes. Os casados, usavam esse dinheiro para comunicação com as esposas. Assim, a cadeia que unia casa com carcere não estava quebrada. Os solteiros, sem mãe para sustentar, se dedicavam aos estudos, e trabalhavam com a esperança de poder adquirir o livro desejado. Por que, onde poderia estudar o trabalhador, senão nas prisões?

Sentiam paixão. Mas que paixão poderia experimentar um preso comum, privado de tudo aquilo que faz amável a vida exterior? Por um refinamento de crueldade, aqueles que criaram as prisões não se esqueceram de interromper toda relação entre prisioneiro e a sociedade. Na Inglaterra, uma vez a cada três meses os presos tem a visita da família. Tão pouco podem escrever, pois os filantropos levaram o desprezo ao extremo de não consentir ao detendo que faça cartas, apenas uma circular empresa.

Na França não é muito limitado as visitas dos parentes, em muitas prisões centrais, seus diretores autorizam em casos especiais, um cortina para privacidade. Mas as grandes penitenciárias são distantes dos grandes centros urbanos, de onde vem a maioria de seus detentos. Poucas mulheres possuem recursos suficientes para viajarem a Clairvaux, para gozarem de curtas visitas com seus maridos.

Disso resulta que a única coisa que poderia melhorar sua estadia, dar-lhe algum conforto e apoio, um traço de luz nessas trevas, essas visitas de seus parentes queridos, são sistematicamente negados. As prisões antigas eram mais sujas e menos organizadas, mas também eram mais humanas.

É a vida dos prisioneiros cinza, que transcorre sem paixões e sem emoções, e por isso os melhores elementos atrofiam rapidamente. Excelentes trabalhadores logo perdem o amor por seu ofício. A energia física é drenada na prisão. A energia corporal desaparece lentamente. Não há melhor comparação ao estado do preso, que a de invernada em regiões geladas. Vejam os relatos das distantes expedições árticas do senhor Pawy ou as de Ross. Lendo-as, sentirão algo como depressão física e mental que permeia todo o relato, fazendo-o mais lúgubre cada vez, até que o sol se mostra ao horizonte. Esse é o estado do prisioneiro. Seu cérebro não mantém foco, o pensamento está mais lento e menos persistente; perde a linha de raciocínio e sua profundidade.

Não faz muito tempo, um informe estadunidense faz constar, que através de estudos de línguas prosperas nas prisões, os detentos tinham dificuldades em aprender matemática. E é a pura verdade; isso é o que ocorre.

Em minha opinião, está diminuição de energia mental deve se atribuir a falta de estímulos. Na vida normal, mil sons e cores chegam aos nossos sentidos diariamente; as milhares sensações que nos chegam ao conhecimento ativam várias funções de nosso cérebro.

Para o prisioneiro contudo, nada disso existe; seus estímulos são poucos e sempre iguais. Existe uma curiosidade do preso. Não posso esquecer do interesse que tive quando preso em meu cativo passeava no pátio da prisão, observava iridescência no catavento dourado da fortaleza: suas tintas rosadas ao por do sol, suas cores azuladas ao amanhecer, seu aspecto nos dias nublados e claros pela manhã e pela tarde, no verão e no inverno. Isso era uma impressão completamente. Quem dera ser isso a explicação a fixação dos presos por ilustrações. Todos os estímulos recebidos pelas leituras e meditações dos presos passam por sua imaginação. E o cérebro desestimulado e pouco oxigenado por um coração pouco ativo e a falta de nutrientes, se fadiga, se decompõe e decai.

\*\*

Existe uma outra grave causa de desmoralização nas prisões, sobre o que não se tem insistido o suficiente, porque é comum a todas prisões e inerente ao sistema penitenciário.

As transgressões nos princípios da moral podem ser creditadas desde cedo a falta de uma vontade forte. A maior parte dos que povoam as prisões



são pessoas que carecem de tenacidade necessária para resistir as tentações que os rodeiam, ou para vencer uma paixão da qual se convertem em escravos. No carcere, com em um convento, tudo contribui para matar a vontade no ser humano: ali o homem carece de desejo; as raríssimas ocasiões que podem exercer sua vontade, são muito curtas: toda sua vida foi regulada e ordenada de antemão, tem que se limitar a seguir a corrente, a obedecer, só a pena de duros castigos. Nestas circunstâncias, a vontade que por ventura tivesse ao entrar no carcere, fenece. E onde haveria força para contrapor aos influxos de tentações que romperão assim que as portas das prisões sejam fechadas? Onde haverá energia para resistir ao primeiro impulso de um caráter apaixonado, se durante muitos anos teve de matar a força interior, para converter-se em matéria dócil e maleável nas mãos de quem nos governam?

Essa amputação moral é em meu entendimento, a mais dura condenação de todo o regime de correção baseado na privação da liberdade do individuo. O motivo de sua supressão é o desejo de guardar a maior quantidade de presos com a menor quantidade de guardiões. O ideal de nossas prisões seria um milhar de autômatos levantando-se e trabalhando, comendo e dormindo sobre a influência de correntes elétricas produzidas por um único vigia.

Assim se pode economizar; mas tampouco tem de extraordinário que homens reduzidos a condição de máquinas não sejam, uma vez livres, os homens que a vida social necessita.

Ao sair do carcere, o preso trabalha como aprendeu a fazer-lo ali. Só é possível combater a péssima influência das prisões em um número reduzido de libertados.

E que diferente é a recepção que se faz ao libertado por seus antigos companheiros! E o que lhe dispensa o mundo da filantropia! Para os jesuítas, cristãos e filantropos, os presos, já livres, são uns contaminados. Quem os convidará para sua casa e lhe dirá sensivelmente: “Aqui tem um aposento, aqui tem um trabalho, sente-se a nossa mesa e faça parte de nossa família”? O liberto precisa de apoio, fraternidade, uma mão amiga para ajuda-lo. E, o que encontra? Depois de fazer de tudo para transforma-lo inimigo publico da sociedade, depois de ter-lhe inoculado os vícios das prisões, é jogado de volta, fomentando-se assim a reincidência.

De sobra, sabemos a influência de uma vestimenta descente. Até um animal se envergonharia de apresentar-se entre seus semelhantes com uma má aparência. E os homens iniciam vestindo de louco a quem querem moralizar. Não tem duvidado o efeito causado nos presos de Lion pelos trajes que são obrigados a vestir. Os recém-ingressados no carcere atravessam o pátio em que eu passeava para ir ao rouparia. Quase todos eram trabalhadores e se vestiam pobremente, mas limpos. Mas quando saiam com o desonrado uniforme da prisão, remendados com trapos multicoloridos e com um gorro ruim, era visível a vergonha em se apresentar ante seus companheiros, vestidos com aquela maneira ridícula.

A primeira impressão que recebe o prisioneiro é a já transcrita, e como o que se vê estará submetido a um tratamento mais degradante dos sentimentos humanos. Em Dartmoose, por exemplo, não acreditam que tenham os presos algum senso de pudor. Os obriga a formar fila pelados ante as autoridades da prisão e a executarem uma série de movimentos de ginástica. “Volver! Estiquem os braços! Perna direita!” E assim por diante.

Um preso não é um homem capaz de um sentimento de respeito humano. É uma coisa, um simples número; se cria um objeto numerado nada mais. Se deixa levar ao mais humano de todos os desejos humanos, de transmitir uma impressão ou um pensamento, incorre em quebra de disciplina. E mais obediente que seja, acabará por cometer essa infração. Antes de entrar no carcere, repugnava a mentira e não enganava ninguém; mas no carcere aprenderá a mentir e dissimular; até ao ponto de que se habituara a ponto de ser uma segunda natureza a mentira e o engodo.

E infeliz de quem não se segura, se a operação de registro o humilha, se a rotina o entedia, se manifesta desprezo com o vigia traficante de tabaco, se reparte seu pão com seu vizinho, se possui bastante dignidade para irritar-se ao ser insultado, se é bastante honrado para rebelar-se contra as picuinhas das celas; a prisão será para ele uma continuação do martírio. Terá trabalho dobrado, se não o enviarem as celas de castigo. A menor infração de disciplina, que se perdoa ao hipócrita, será a ele os mais duros castigos; será tratado como um insubordinado. E os castigos se sucederão como alhos em uma réstia. O levará a loucura com a constante perseguição, e pode ter-se por feliz se sair da prisão de algum jeito sem ser em um ataude.

Em Clairvaux comprovamos qual é a sorte do “rebelde”. Um aldeão, taxado de incorrigível, apodrecia no calabouço do castigo. Para fugir daquele duro regime, bateu em um vigia. Mas assim mesmo permaneceria

em Clairvaux, e sabendo disso, o homem se suicidou, não tendo acesso a nenhuma arma, conseguiu comendo seus excrementos.

É muito fácil dizer nas colunas dos jornais que os carcereiros deveriam ser também severamente vigiados, que os diretores deveriam eleger-se entre as pessoas mais dignas de apreço. As utopias administrativas de pronto são criadas. Mas o homem seguirá sendo homem, tanto o vigia como o preso. E quando os homens são condenados a passar a vida em situações falsas, tem que sofrer as consequências disso. O vigia se torna meticuloso. Em parte alguma, salvo nos monastérios russos, existe um espírito de baixa intriga e de hipocrisia tão desenvolvido com nos vigias de prisões. Forçados a mover-se em meio vulgar, os funcionários sofrem a influência do ambiente. Sobre as pequenas intrigas ou numa palavra pronunciada por Fulano, giram suas conversas. Os homens são homens, e não é possível dar ao indivíduo uma parte de autoridade sem que ele abuse sem escrúpulo, e a faça sentir quando mais limitada for sua esfera de ação. Forçados a viver na metade de um acampamento inimigo, os vigias, não podem ser modelos de correção e de humanidade. A liga dos detentos se opõem a liga dos carcereiros. A instituição os converte no que são: perseguidores ruins e vis. Substituí-los com um Pestalozzi (se um Pestalozzi se prestasse ao cargo), não tardaria ser mais um dos tantos carcereiros.

O ódio à sociedade invade então o coração do preso, quem se habitua a aborrecer cordialmente aos que oprimem. Para ele o mundo se divide então em duas partes: uma onde está e seus companheiros e a outra o mundo exterior, integrado pelo diretor, os vigias e dos demais empregados. Os detentos compõem uma liga contra os que não vestem o degradante uniforme de preso. Quando o preso recebe a liberdade, pratica a moral especial aprendida no presídio. Antes de estar preso poderá cometer péssimas ações sem refletir; já que tem uma filosofia própria. Que se resume nessas palavras de Zola:

“Que malandros são os homens honrados!”

\*\*

Estão perfeitamente comprovadas as horríveis proporções que vão adquirindo os atentados ao pudor que atingem todo o mundo civilizado. Diversas causas originam esse desenvolvimento, mas a influência pestilenta das prisões é a mais decisiva. A perturbação provocada na

sociedade pelo regime prisional, é mais profunda do qualquer outro.

Me desculpem estender-me em tal assunto. No referente as prisões das crianças, a de Lion, por exemplo, pode-se afirmar que dia e noite a vida daqueles infelizes está saturada de depravação. O mesmo se sucede nas prisões de adultos. Os fatos observados por nós durante nosso cativeiro excedem as mentes mais férteis. É preciso estar muito tempo preso e ter escutado as inúmeras confidências dos demais reclusos para averiguar o estado de espírito que se pode chegar um preso. Os diretores das prisões centrais sabem que são teatros das mais surpreendentes infrações das leis da Natureza. E erram aqueles que acreditam que uma prisão celular, aquelas onde há um preso por cela, poderá melhorar tais condições, porque a causa dessas aberrações é uma perversão do espírito, e a cela é o melhor meio de fomentar a imaginação de tais tendências.

### III

Se considerarmos as diversas maneiras como as prisões influenciam o prisioneiro, teremos de convir que cada uma e todas juntas contribuem para incapacitar a vida em sociedade do homem que sofre detenção por algum tempo. Além disso, nenhuma dessas influências atuam no sentido educativo nas faculdades intelectuais e morais do homem, para inculcar uma concepção superior de vida, de fazer-se melhor do que era antes de ver-se atrás das grades. É inquestionável que prisão *não melhora* os presos, mas segundo o que constatamos, *não impede* que ocorra delitos: prova disso são os reincidentes. A prisão não responde, pois, a nenhum dos fins para o qual foi criada.

Basta fazer a pergunta: “O que fazer com os que ignoram a lei, não a lei escrita, que só é uma triste herança de um passado triste, mas sim as inspiradas nos princípios da moralidade latente no coração de todos?”

Nosso século terá que responder essa pergunta.

Em certa época, a medicina era arte de administrar para o bem algumas drogas descobertas por virtude de determinados experimentos. Os enfermos confiados aqueles médicos que receitavam aquelas drogas, podiam morrer ou sarar apesar de ser uma opção experimental; e o médico desculpava sua ignorância fundamentando que era o que fazia a todos. Não poderia ser ultrapassado em ciência o que exigem as pessoas de seu tempo.

Mas nosso século, interessando-se por problemas apenas deslumbrados pelo passado, tem tomado a ciência médica em outro sentido. Em vez de *curar* as doenças, a medicina moderna quer *evita-las*. E todos nos conhecemos os imensos resultados obtidos desse modo. O melhor médico é a higiene.

Algo semelhante deve se tentar na relação social desse fenômeno social chamado Crime, mas que nossos filhos chamaram de Enfermidade Social. Suprime a enfermidade e a cura estará completa. Tal conclusão é já o ideal de uma escola que se ocupa em questões dela índole.

Essa moderna escola conta já com uma literatura. Em suas filas militam jovens criminalistas italianos Poletti, Ferri, Colajanni e até Lombroso; além da escola de psiquiatras, em que figuram Griesinger e Kraft-Ebbing na Alemanha, Despina na França e Maudsley na Inglaterra; há sociólogos como Quetelet e seus discípulos, pouco infelizmente pouco numerosos, e por último as escolas modernas de psicologia relativa ao indivíduo, e as escolas socialistas relativas a sociedade.

Nas obras publicadas pelos citados inovadores já aparecem em todos os elementos precisos para adotar uma atitude diferente a respeito de quem a sociedade desterrará até agora de seu seio, decapitando-os, enforcando-os ou prendendo-os.

Constantemente se falam na atividade de três grandes series de fatores que concorrem a comissão de atos antissociais, denominados, crimes: fatores sociais, fatores antropológicos e fatores físicos.

Começarei por esses últimos, que são menos vulgares e cuja a influência não se pode colocar em dúvida.

Quando se avisa à um amigo que leva uma carta sem ter posto um endereço, pois será marcada como um acidente ou caso imprevisto tal carta. Muito bem, cidadãs e cidadãos; esses acidentes, esse casos imprevistos, se produzem na sociedade com a mesma regularidade ou normalidade que os atos ordinários e corriqueiros. O número de cartas sem remetentes se repete de ano a ano com uma regularidade pasmosa. Pode esse número variar de ano para ano, por exemplo, se mil de uma cidade de milhões de habitantes, não será de dois mil, nem de oitocentos no ano seguinte. O número apenas sofrerá uma alteração de algumas dezenas. As estatísticas anuais dos correios de Londres oferecem notas muito surpreendentes a respeito disso. Ali se repete tudo, até o número dos depósitos de banco jogados nas caixas de correio em vez de cartas. Veja como é caprichoso o elemento de distração! E não o bastante, esse elemento se rege por leis tão rigorosas como as que determinam a mecânica celeste.

O mesmo se sucede com os assassinatos que cometidos de um ano para outro. Tendo em vista as estatísticas dos anos anteriores, pode se ter uma noção do número de assassinatos que serão registrados no ano seguinte, em qualquer país europeu, e quase com grande exatidão. E se tem em conta as causas perturbadoras, das quais uma aumentam outras diminuem, pode se fixar o número de assassinatos que se tem com um diferença de poucas unidades.

Anos atrás, em 1884, *A Natureza*, de Londres, publicou um trabalho de S. A. Hill sobre o número de atos de violência e de suicídios nas Índias inglesas. Conhecido é que quando faz muito calor, e o ar está úmido, o ser humano se encontra mais nervoso que em qualquer outro momento. Pois bem: na Índia, onde a temperatura é muito quente no verão e onde é geralmente acompanhada de grande umidade, a influência enervante da atmosfera é muito maior que nas nossas latitudes. Sr. Hill anotou

mensalmente os números de atos de violência em uma extensa linha de tempo e correlacionou a influência do calor e da umidade. Por um procedimento matemático simples, pode obter uma fórmula para prever o número de crimes, apenas observando um termômetro e um higrômetro. Coleta-se a temperatura média do mês e multiplica-se por 7; adicione o produto de grau da umidade média, multiplica-se a soma por 2; o resultado obtido será uma previsão de assassinatos cometidos no mês. É aplicável a mesma fórmula para averiguar o número de suicídios.

Tais cálculos parecem muito estranhos para quem está ainda imbuído dos preconceitos transmitidos pelas religiões. Mas para a ciência moderna, que entende que os atos psicológicos dependem absolutamente de causas físicas, estes cálculos simples são simples e certos. Ademais, quem por experiência conhece a ação enervante do calor, compreendeu plenamente porque o índio, em um calor tropical úmido, acelera a conversa para fazer uma sesta, e porque, quando se tem desgostado da vida, a elimina.

A influência das causas físicas em nossos atos não foi completamente analisada. E não obstante, é vulgaríssimo que os atos de violência contra as pessoas predominem no verão, e que são mais atos contra a propriedade no inverno.

Ao examinar as curvas traçadas pelo doutor E. Ferri, e nos fixamos no que se refere aos atos de violência, se vê que sobe e baixa com a curva de temperatura, seguindo-a em todas as suas voltas, e é impressionante a semelhança de ambas as linhas, compreendendo então até que ponto o homem é uma máquina. O ser humano, que alardeia seu livre arbítrio, depende como todo ser orgânico, da temperatura, do vento e da chuva.

Certo é que as investigações de que temos escrito, estão cheias de dificuldades, porque os efeitos das causas físicas são sempre muito complicados. Por essa razão, quando o número de “delitos” sobe e baixa com a colheita de trigo ou de vinho, as influências físicas só intervêm indiretamente, por meio das causas sociais. Como suspeitar então destas influências? Quando o tempo é bom e abundante a colheita, quando os trabalhadores estão satisfeitos, não cabe dúvida de que sentiram menos impulsos de tirar diferenças às fâcadas, no entanto se o tempo é pesado e a colheita ruim, torna-se menos tratável o camponês, e em suas discussões prevalecerá a violência.

Ao meu entender, as mulheres podem melhor do que ninguém, observar o mau ou bom humor dos maridos, poderiam dizer-nos algo sobre

as relações entre o tempo e a mudança de humor.

\*\*

As causas obedecem a estrutura do cérebro e dos órgãos digestivos, assim como o estado nervoso do homem, as causas fisiológicas são certamente mas importantes que as causas físicas.

A ação das capacidades herdadas pelo homem, de seus padres e de sua organização física sobre seus atos, tem sido objeto de vastas investigações que permitem hoje ter uma ideia bastante clara do problema. Desde logo não podemos aceitar as conclusões da escola criminalista italiana, ao tratar destas questões; podemos admitir as conclusões do doutor Lombroso, e singularmente aquelas a que chegará em sua obra sobre o *aumento da criminalidade*, publicada em 1879. Mas se podemos aproveitar delas *os fatos*, para interpreta-los como julgemos conveniente no uso de nosso direito.

Ao demonstrar-nos Lombroso que a maioria dos habitantes de nossas prisões tem algum defeito orgânico cerebral, temos que acatar sua afirmação sem discuti-la. Trata-se de um fato, só de um fato. Até podemos aceitar de boa vontade o fato de que a maioria dos presos possuem os braços mais longos que o resto dos homens. E quando defende que os assassinatos mais brutais foram cometidos por indivíduos que sofriam de algum vício de sua conformação cerebral, é uma afirmação confirmada pela experiência.

Mas quando o professor italiano trata de deduzir dos fatos conclusões que faltam consistência; quando por exemplo, declara que a sociedade tem o direito de adotar medidas necessárias contras os indivíduos que sofrem desses defeitos de organização física, não podemos render homenagem. A sociedade não tem direito algum de exterminar aquele cujo o cérebro esteja enfermo e nem prender todos que tenham os braços mais longos que o normal.

Admitimos, se, que quem realizou atos atrozes, atos que quanto realizados, perturbaram a consciência de toda a humanidade, foram quase idiotas. A cabeça de Frey, por exemplo, que tanto deu o que falar os jornais já algum tempo, é a prova clara do dito. Mas nem todos os idiotas são assassinos. E creio que o mais terrível dos criminosos que Lombroso se referiu, retrocederia ante a execução total de todos os idiotas que existem no mundo. Quantos deles, estão livres, outros vigiados e outros vigiando!



Em quantas famílias, em quantos palácios, sem contar os sanatórios, se tem tantos idiotas com os mesmos caracteres de organização que Lombroso considera próprios da “loucura criminal”! A diferença entres eles e os que pereceram nas mãos do verdugo, é só a diferença do meio ambiente em que viveram. As enfermidades do cérebro podem talvez favorecer o desenvolvimento de uma inclinação ao assassinato. Mas não o determinam; tudo depende das circunstâncias em que viva o indivíduo atacado de uma enfermidade cerebral. Frey morreu guillotinado, porque toda uma série de circunstâncias empurraram ao crime. Sem ressalva, qualquer outro idiota morreria rodeado por sua família, porque não teve me sua vida a ocasião fatal que o tivesse convertido em assassino.

Rechaçamos as conclusões de Lombroso e de seus discípulos. Temos que dizer porém, ao popularizar e levantar tais indagações, prestaram um grande serviço a todos. Porque para o homem inteligente, os fatos recolhidos e comentados por Lombroso, demonstram que a maioria dos que foram tratados como criminosos não eram senão seres anormais, sofrendo de uma terrível doença e os quais, na sequencia deveriam ser diagnosticados e intentar uma cura, com os maiores cuidados, em vez de leva-los a prisões, onde suas doenças se agravarão ferozmente.

Citarei agora as investigações de Maudsley sobre a “responsabilidade na loucura”. A respeito desse assunto, não faltam intervenções que se opõem as conclusões do mencionado autor, conclusões que não merecem comentários. Mas não pode ler-se a citada obra sem ter em mente que a maioria dos até hoje condenados por atos de violência, foram homens que padeciam de uma grave doença cerebral moderada: anemia do cérebro, não de pletora, como me dizia Eliseo Reclus, recentemente antes de vir a essa conferência. Sim; de anemia, originada por escassa alimentação. “O louco ideal criado pela lei”, diz Maudsley, o único que a lei reconhece irresponsável, não existe, como não existe o “criminoso ideal” que a lei castiga. Entre ambos há uma escala gradiente imperceptível que os mesclam e os confundem. E para curar esses seres os fecham em uma prisão!

As instituições penais, tão agradecidas aos legistas e jacobinos, não foram até agora outra coisa que um amalgama entre a ideia bíblica de vingança, a ideia da Idade Média, que atribuía todas as más ações a um mal espirito, a um diabo que impulsionava ao crime e a ideia dos modernos legistas, de anular e evitar por meio do castigo o que chamam de crime.

Mas chegará o tempo em que as ideias de Griesinger, Kraft-Ebburg e

Despine tornar-se-ão domínio publico, e então teremos vergonha de ter consentido durante séculos que os condenados fossem entregues ao verdugo e ao carcereiro. Se luminosos trabalhos daqueles escritores estiverem mais popularizados, estaríamos nos já convencidos que os seres enviados a prisão, ou são condenados a morte, são seres humanos os quais devemos-lhes tratar fraternalmente.

Isto não quer dizer que propomos construir sanatórios em vez de prisões. Jamais me ocorreu semelhante ideia. Os sanatórios são prisões também. Longe de mim as ideias lançadas por senhores filantropos, que querem manter as prisões, mas encarrega-las à médicos e a pedagogos. Os presos seriam ainda mais infelizes; sairiam dos sanatórios mais quebrados que das prisões atuais.

Até hoje os presos não tem encontrado uma mão fraterna que os ajudaria desde a infância a desenvolver as faculdades superiores do coração e da inteligência, faculdades cujo desenvolvimento natural se opuseram neles, por um defeito de organização, anemia do cérebro ou enfermidade do coração, do fígado ou do estomago, tais as espantosas condições sociais que assolam milhões de indivíduos. Mas estas faculdades superiores do coração e da inteligência não se exercitam se o homem esta privado de liberdade, na impossibilidade de trabalhar como queira e de sujeitar-se a múltiplas influências da vida social.

A prisão pedagógica, a casa de saúde, trariam piores consequências que os carcereiros e presídios em uso. A fraternidade humana e a liberdade são os únicos corretivos para as enfermidades do organismo humano, que o convertem em delinquente.

Destaque um homem que cometeu um ato de violência contra outros semelhantes. O juiz, esse maniaco pervertido pelo estudo do Direito romano, assume o caso e apressa-se a condena-lo. Em seguida o encaminha ao prisão. Mas se analisar as causas que moveram o condenado a cometer o ato de violência verão (como notou Griesinger) que o dito ato teve suas causas, e que estas causas trabalharam antes que o homem cometesse o ato violento. Em passagens de sua vida se destacava certa anomalia nervosa, um excesso de irritabilidade: as vezes, por uma bagatela, expressava com caloroso sentimento; no melhor se desesperava por uma pena minima, ou se enfurecia com a menor contrariedade. Esta irritabilidade era por sua vez produto de uma doença: cérebro, coração, fígado ou estomago as vezes herdados de seus pais. Não se preocupou em dar uma melhor direção as emoções daquele homem que talvez em outras condições teria podido ser

um artista, um poeta ou um bom propagandista. E por esta razão aquele homem, faltando as influências saudáveis, se fez um criminoso, graças ao meio em que vivera.

Há mais. Se cada um de nós nos analisarmos severamente, notaríamos que as vezes passaram por nosso cérebro, rápido como um relâmpago, germens de ideias que levaram um homem a atos que seu interior reprova. Muitos não deixaram essa ideia vingar. Mas se tivessem encontrado um meio propício nas circunstâncias exteriores; se outras paixões mais sociáveis e belas, como o amor, a compaixão, o espírito de fraternidade, não tiverem apagado os lampejos do pensamento egoísta e brutal, esses repetindo-se, levariam-nos por fim a execução do ato violento.

\*\*

Hoje se fala da criminalidade hereditária; e a provas aduzidas por Thompson, em um periódico inglês de ciência mental, de 1870, são verdadeiramente extraordinárias. Mas reflitamos um instante e perguntemos: O que pode herdar-se de pais criminosos? Seria o caso de uma célula de criminalidade? Foi o absurdo afirmado. O que se herda é uma falta de vontade, certa debilidade da parte do cérebro que analisa nossas ações, ou tanto as paixões violentas, afã de aventuras, ou vaidade maior ou menor. Da vaidade, unida ao amor ao perigo, temos muitos casos nas prisões. Mas a vaidade abarca uma ampla zona. Pode produzir um criminoso, como Napoleão ou o assassino Frey. Sem ressalva, quando se associa a outras paixões de ordem mais elevada, também pode produzir homens de talento; e, o que é melhor, a vaidade sucumbe ao peso da inteligência equânime. Os únicos vaidosos perfeitos são os tolos.

A respeito do caráter aventureiro, que é um das características emblemáticas dos encarcerados por más ações de grande importância, talvez bem encaminhado seria de grande utilidade para a sociedade. Esse caráter impulsiona os homens para expedições longínquas e empreitadas perigosas. Quantos dos presos hoje poderiam realizar grandes descobrimentos ou explorações perigosas, se seu cérebro, provido de conhecimento científico, tivera mostrado outros horizontes mais vastos do que se abre as crianças que vive um ano em nossos becos estreitos e recebe por todo instrução, a inútil bagagem das escolas de agora!

O cristianismo tratava de afogar as más paixões. A sociedade futura, com adivinhado Fourier, as usará proporcionando a sua atividade extenso

campo onde exerce-las.

\*\*

Muitas grandes paixões positivas teriam entre os habitantes dos carcere e presídios, se fraternalmente relacionassem, só em relações fraternas as despertassem. O doutor Campbell, que durante trinta anos foi médico de várias prisões inglesas, dizia: “Empregando com os prisioneiros a doçura e o respeito como se fossem delicadas senhoras, sempre reinaria a perfeita ordem no hospital”. “...Até os presos mais rude me admirava pelos cuidados que dispensava aos enfermos”. “ ... Em geral se acredita que seus costumes desordenados e sua vida anormal os tem feito duros e insensíveis, quando na realidade os têm conservado um sentimento do bem e do mal”. As palavras do doutor Campbell são comprovadas pelo testemunho de outras pessoas honradas.

Muito simples sem rodeio. O enfermeiro de hospital – o enfermeiro que não é funcionário – teve a ocasião de exercitar seus bons sentimentos, de compadecer-se e no hospital desfruta de uma liberdade negada a outros presos. Além disso, os homens a quem se referia Campbell se estavam sobre supervisão daquele homem excelente e não submetidos a policiais aposentados.

## IV

As causas fisiológicas, tão em voga nos últimos tempos, não são as que menos influenciam que um indivíduo termine em uma prisão. Mas as ditas causas não são a origem da *criminalidade* no verdadeiro sentido da palavra, segundo se empenham em demonstrar os criminalistas da escola de Lombroso.

As causas fisiológicas, melhor dizer, as afecções do cérebro, do coração, do fígado, do sistema nervoso espinhal, etc, trabalham sempre em todos nós. A maioria dos seres humanos padecem de algumas das enfermidades citadas, se bem não os levam a cometerem atos antissociais senão quando condições exteriores intervem na produção dos mesmos.

Para as afecções fisiológicas não são remédio as prisões, pelo contrário, os agravam. E quando uma vítima dela sai do carcere ou do presídio, está menos apta para a vida social do que antes; o ex-detento tende a cometer qualquer ato denominado criminal. Para destruir esse efeito, será preciso cura-lo do dano que lhe causara a prisão; apagar toda a massa de qualidades antissociais que lhe enfiaram no presídio. Se não fizer tudo isso, pode-se tentar; mas então penso: “ Por que se empenhar em fazer o homem pior do que era, se depois terá de destruir-se a influência da prisão?”

Mas se as causas físicas mandam tão poderosamente em nossos atos , se nossa organização fisiológica é frequentemente motivo de atos antissociais realizados, as *causas sociais* que agora vou escrever, são contudo muito mais exigentes.

\*\*

Os bárbaros, assim chamados pelos romanos da decadência, tinham um excelente costume. Cada grupo, cada comunidade, era responsável ante aos demais dos atos antissociais de qualquer um de seus membros.

Excelente costume foi extinto, como outros bons e melhores se tem extinguido. O individualismo ilimitado tem substituído o comunismo da antiguidade franco-saxã. Mas retornemos a ele. Os espíritos mais inteligentes de nosso século, os trabalhadores e pensadores, proclamam aos gritos que é a sociedade a responsável de todo ato executado contra ela. Assim como nos corresponde uma pequena parte da glória nos atos e produções de nossos heróis e gênios, também os temos em nossos

criminosos.

Cada ano que passa cresce o número de crianças que se desenvolvem entre a sujeira moral e material de nossas cidades, entre gente desmoralizada em viver o dia, entre a decadência e a vagabundagem, junto a luxuria que corroí os grandes centros da população.

Ignoram o que é uma casa familiar: sua casa hoje é um beco, amanhã a rua. Quando entram na vida, desconhecem o emprego razoável de suas forças juvenis. O filho do selvagem aprende a caçar ao lado de seu pai, enquanto a filha aprende a cuidar de seu modesto habitat. Nem sequer isso aprende o filho do proletário que vive solto. De manhã, o pai e mãe, saem de seus cubículos na busca de trabalho. A criança vai para rua; não aprende ofício algum, e se vai a escola, nada de útil se aprende ali.

É verdade que os que habitam casas boas, protestem contra a embriagues. Mas vou lhe dizer:

-Se vossos filhos crescessem nas condições dos filhos dos pobres, quantos não teriam as tavernas para morar!

Ao observar o descuidado desenvolvimento da população infantil das grandes cidades, o que nos admira é que só um número pequeníssimo dessas crianças se tornam ladrões e assassinos. O que nos admira é a bondade do sentimentos sociais da humanidade de nosso século, a hombridade que se encontra até nas vielas mais sujas. Sem isso, o número dos que estão em conflito com as instituições sociais seria muito maior. Sem essa hombridade, não ficara pedra sobre pedra dos suntuosos palácios urbanos.

E, contrastando com a sordidez em que vive, o que vê a criança que cresce no fluxo urbano? Um luxo insensato, estúpido. Essas lojas deslumbrantes, essa literatura que não para de falar de riqueza e luxo, esse culto ao dinheiro, tudo, tudo tem que desenvolver a sede de riqueza, o amor ao luxo vão, a paixão de viver as custas dos demais, aproveitando o produto do trabalho alheio.

Bairros inteiros existem onde cada casa recorda ao homem que continua sendo animal, mesmo quando escondem sua animalidade sobre certo aspecto; quando o grito de guerra é: Enriquecei-vos! Afasta quem se oponha ao vosso progresso, busca o dinheiro de qualquer modo, não esquecendo que existe a “justiça”; quando todos ouvem dizer diariamente que o ideal é fazer trabalhar os demais e passar a vida folgando; quando se menospreza o trabalho manual, até o ponto de que nossas classes diretoras preferem fazer ginastica do que pegar na enxada ou na pá; quando a mão

calosa é sinal de inferioridade, e, do contrário, em um traje de seda; quando por último, a literatura rende culto a riqueza e predica o desprezo ao “utópico” e ao sonhador que a desdenha; quando tais causas se unem para serem uma má influência, quem pode falar de herança? A própria sociedade acredita diariamente ser incapaz de suportar uma vida honrada de trabalho, ser imbuída de sentido antissocial. E até glorificam aqueles que obtêm êxito através de crimes, e quando sente-se ameaçada, os envia ao patíbulo ou ao presídio.

Essas são as verdadeiras causas dos atos antissociais.

Quando as relações do capital e do trabalho tenham se alterado radicalmente por uma revolução; quando desapareça o ocioso e todos trabalhemos, segundo nossas inclinações, em benefício da comunidade; quando se ensine as crianças a trabalhar com seus braços, a amar o trabalho manual, que tanto seu cérebro como seu coração se desenvolvam normalmente, não precisaremos nem de prisões, nem de juizes, nem verdugos.

\*\*

Mas nos dirão: Sempre teremos indivíduos enfermos, que podem constituir um perigo constante para a sociedade. Não seria bom eliminá-los, ou ao menos colocá-los na impossibilidade de que não nos prejudiquem?

Por pouco inteligente que seja uma sociedade, não concordará com esse absurdo. O motivo é este:

Os loucos eram tidos antigamente como seres endemoniados, e os tratavam como tais. Os prendiam em sombrias masmorras, argolados as paredes, como terríveis feras. Plinel, um filho da Grande Revolução, se atreveu a remover as algemas e trata-los como irmãos. “Os devorarão!”, avisaram-lhe os guardas. Mas Plinel *se atreveu*. Aqueles que todos acreditavam serem feras, se reuniram em torno de Plinel, demonstrando-lhe com sua atitude que tinha razão em supor que predominava neles o que havia de melhor da natureza humana, ainda que com efeito das enfermidades, a inteligência estivesse afetada.

Logo, a causa da humanidade triunfou em todas as linhas: os loucos não eram mais presos.

Desapareceram as cadeias. Mas os sanatórios – outra forma de

cadeia, se mantiveram; e dentro desses asilos se empregou um sistema, se não igual das cadeias, pior.

Mas o camponeses, não os médicos, os camponeses do povoado belga de Cheel, disseram: “Enviem-nos vossos loucos; daremos-lhes liberdade absoluta”. E os acolheram no seios de suas famílias; lhes deram um lugar em sua mesa, uma ferramenta com que trabalhar em suas terras, os permitiram participar das festas campestres da juventude da região. “Comem, trabalham e bailam conosco! Corram pelos campos, sejam livres!” A isso se reduzia o sistema, toda a ciência que o camponês belga empregara.

Aquela liberdade operou um milagre. Até os que padeciam de lesões incuráveis, tornaram-se dóceis, tratáveis, membros da família como os demais. O cérebro enfermo funcionava anormalmente, mas o coração era tão humano como os dos outros seres<sup>1</sup>.

Soou a palavra “milagre”; as curas se atribuíram à um santo, à uma virgem. Mas está virgem era a liberdade; este santo era o trabalho dos campos, o fraternal carinho.

O modelo tem feito prosélitos. Em Edimburgo tive o prazer de apresentar-me ao doutor Mitahell, um homem que dedicou sua vida em aplicar a mesmo regime libertário aos loucos da Escócia. Teve que vencer os obstáculos; lutaram incomodamente contra ele, usando os mesmos argumentos usados hoje contra nós; mas ele venceu. Em 1886, uns 2.200 doentes mentais escoceses desfrutavam de plena liberdade, acolhidos nas famílias privadas, e comissões de sábios que estudaram o modelo, elogiaram. Eu já acredito! Nenhuma medicina compete com a liberdade, com o trabalho livre, com o fraternal carinho.

Em um dos pontos que limitam o imenso “espaço entre a enfermidade mental e o crime”, de que Maudsley nos fala, a liberdade e o carinho fraternal trabalharam um milagre. O próprio conseguirá no outro limite do citado espaço, o crime.

\*\*

A instituição penitenciária carece de sentido. Todos os que aqui estão o compreenderão como eu; porque se eu perguntar aos pais e as mães que vejo aqui sobre que eles sonham para seus filhos no futuro e se seria

---

1 Agora, o tratamento dos loucos em Cheel se tornou profissional: E o que pode ter de bom nessa profissionalização? (Nota do Autor).



carcereiros, ninguém confirmaria positivamente; seja qual for a ambição do pai e da mãe, nunca desejarão a seus filhos um emprego de carcereiro ou de verdugo.

A condenação absoluta do sistema das prisões e da pena de morte se tem no seu desprestígio.

Se a prisão é possível hoje, é porque em nossa sociedade abjeta, o juiz conta que haja um carcereiro ou verdugo, com um salário miserável. Mas se o juiz tiver que vigiar os que sentencia, se tiver que matar os que manda para morte, estejam seguros que esses mesmos juizes considerariam insensatas as prisões e a pena de morte, abominável.

Isto me obriga a dizer algo a respeito do assassinato legal, que esses senhores, em seu estranho jargão denominam pena capital.

O assassinato é simplesmente o resto do princípio bárbaro da Bíblia: “Olho por olho, dente por dente”. É uma crueldade tão prejudicial com inútil para sociedade humana.

Nas regiões siberianas onde milhares assassinos gozam de liberdade depois de extinta sua condenação, ou sem te-la cumprida, porque são muitos os que fugitivos que se refugiam nas selvas siberianas, é tão seguro as ruas como nas grandes cidades. Na Sibéria, onde os assassinos são intimamente conhecidos, se considera os melhozeiros da população. O assassino serve ali de cocheiro particular, e verás que a mãe confia seus filhos a um homem que foi desterrado por matar outro. É conhecido que o patricida irlandês Davitt, que conhece profundamente as prisões inglesas, experimentou o que lhes falo. Os assassinos são considerados como os homens mais respeitáveis dentro das prisões. Isso se explica facilmente. Me refiro como é natural, aos que assassinaram em um momento de arrebatamento, porque os assassinos com o roubo, pouca vezes são filhos da premeditação; são acidentes em sua maioria.

Mesmo sendo numerosas as execuções de revolucionários na Rússia (mais de 50 desde 1879), a pena de morte não é aplicada para delitos comuns já faz mais de um século, quando foi abolida, e o número de assassinatos cometidos na Rússia não é maior do que das nações europeias, mas até menor. Em parte nenhuma se verificou o aumento de assassinatos quando não há pena de morte. Logo essa pena só se mantém por vileza dos homens, visto que é uma barbárie inútil.

Os socialistas condenam a pena de morte, mas entre os revolucionários que não são acratas, tendem a considerar como meio supremo para purificar a sociedade; eu conheço jovens que sonhavam em

ser Fouquier-Tiville da Revolução Social, que se viam em um tribunal revolucionário e com um gesto estudado pronunciavam: “Cidadãos, peço a cabeça de Fulano”.

Para um anarquista convicto é ignóbil semelhante papel. Por minha parte, compreendo perfeitamente as vinganças populares; compreendo que caíam vítimas na luta; compreendo o povo de Paris quando antes de sair para fronteiras, extermina nas prisões os aristocratas que compactuavam com os inimigos pelo fim da Revolução; compreendo a Jacquerie, e quem censurasse esse povo, seria questionado:

-Teria sofrido com eles e com eles? Se não, tenha a decência de calar-se.

Sem ressalvas, o procurador da República pedindo a cabeça de um cidadão rodeado de senhores e confiando a um carrasco pago para cortar aquela cabeça, esse procurado me repugna tanto como o procurador do rei, e o apostrofo dizendo:

-Se queres a cabeça desse homem, tome-a. Seja acusador, seja juiz, se queres; mas seja também carrasco! Se só pedes a cabeça e ditas sentenças; se te aproprias do papel teatral e deixas um miserável qualquer a tarefa de execução, só és um péssimo aristocrata que acredita superior ao executor de tuas sentenças. És pior que os procurador do rei, porque introduz outra vez a desigualdade, a pior das desigualdades, depois de ter falado contra ela.

Não há juiz do povo quando esse se vinga. Só sua consciência pode julgar. Mas ao procurador que intente que se assassine friamente com todo aparato abjeto dos tribunais, dissemos-lhe:

-Não sejas aristocrata. Seja carrasco se quiseres ser juiz. Falas de igualdade? Pois igualdade! Não queremos junto a plebe do cadafalso a aristocracia do tribunal!

\*\*

Vou resumir. A prisão não coíbe os atos antissociais; pelo contrário, aumenta seu número. Não reabilita quem prende, podem reformá-la o quanto quiserem, será sempre uma privação de liberdade, um sistema falso, como um convento, que torna o prisioneiro cada vez menos apto a vida social. Não atinge o que propõe. Mancha a sociedade. Deve desaparecer por consequência.

Resto de barbárie, com mescla de filantropia jesuitística, o primeiro

dever da Revolução será acabar com esses monumentos da hipocrisia e da vileza humana, que chamam de prisões.

Na sociedade igualitária, entre homens livres, onde todos trabalhem para todos, onde todos tenham recebido um educação sadia e se apoiem mutuamente em todas as circunstâncias da vida, os atos antissociais não se produzirão. A maior parte destes careceriam de fundamento, e o resto será arrancado em semente. Sobre os indivíduos de inclinações perversas que a sociedade atual nos legará, teremos que impedir-lhes que desenvolvam seus maus instintos. E se não conseguirmos, o corretivo, honrado e prático, será sempre o tratamento fraternal, o apoio moral que há em todos, a liberdade, por fim. Isto não é utopia; isto que se pratica com indivíduos ilhados, se converterá em prática geral. E tais meios serão mais poderosos para reprimir e melhorar que todos os códigos, que todo o sistema vigente de castigos, fonte abundante de novos crimes, de novos atos contra a sociedade e indivíduo.